

Pescadores, Botos Bons e Tainhas: pesca e interação em Laguna (SC, Brasil)¹

Brisa Catão Totti (Doutoranda | PPGAN-UFMG)

Palavras chave: pesca, comunicação interespecífica

Apresento neste texto algumas considerações etnográficas da prática conhecida pelos pescadores e moradores de Laguna como *tarrafear no boto*². Para tanto, não aciono muitos conceitos, autores ou discussões teóricas, e sim discorro mais detidamente sobre as relações entre os objetos e seres envolvidos nessa forma de captura de tainhas, dando especial atenção às condições necessárias para tal encontro, no que diz respeito à presença e atuação de certos pescadores, animais (tainhas e *botos bons*), componentes geológicos (pedras), condições climáticas (ventos e marés), petrechos e local de pesca. Enfatizo algumas habilidades necessárias para a captura, sobretudo a capacidade de homens, botos e tainhas emitirem e reconhecerem determinados sinais, envolvidos no *avistar* (homens localizando os peixes das pedras), *mostrar* (botos sinalizando para os homens a localização dos cardumes) e *matar peixe* (homens capturando tainhas a partir do sinal dos botos). O argumento de fundo é que a comunicação interespecífica é parte fundamental dessa técnica de pesca, tanto para seu bom funcionamento (que é aquele que culmina na captura de tainhas) quanto para sua perpetuação. Voltarei a isso adiante. Por ora, vejamos como é a dinâmica da pesca.

Na pequena cidade de Laguna, há *botos bons*, *trabalhadores*, que podem ser *amigos* e *patrões* dos pescadores. São golfinhos nariz-de-garrafa, conhecidos na região

¹ Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa / Paraíba.

² Termos e expressões nativas aparecerão em itálico ao longo do texto. A expressão *tarrafear no boto* é baseada na rede de pesca utilizada, a tarrafa de argola. Ela é um tipo de rede de mão composta por uma malha circular de náilon (*pano*); chumbos distribuídos na extremidade inferior do *pano*, que são fixados em uma corda mais espessa chamada *aroeira*; linhas de náilon regularmente intervaladas entre os chumbos que atravessam verticalmente todo o *pano* (*tensos*); uma corda de náilon, a *fieira*, que liga o *pano* da tarrafa ao punho do pescador, por onde a rede é recolhida; e uma pequena argola de plástico, posicionada entre a *fieira* e o *pano*, na parte superior da tarrafa, que corre ao longo do *pano* quando a rede é recolhida. Feito o *balanço*, que é um movimento de torção do tronco e suspensão dos braços que precede o arremesso, a tarrafa é lançada de modo a se abrir no ar antes de tocar a superfície da água. Ao recolhê-la, puxando a *fieira*, a tarrafa de argola se fecha como um saco e os peixes enredam-se em sua malha. O tamanho das tarrafas pode variar bastante. No ponto de pesca em questão vi a circunferência das tarrafas oscilarem entre 15 e 24 *braças*, sendo, em Laguna, 1,70 metros a medida média de uma braça. Isso significa que o diâmetro das tarrafas pode variar, no caso em questão, entre 8 e 13 metros aproximadamente. Na cidade, a referência para uma *braça* é a distância entre os braços abertos de um homem, num ângulo de 90° em relação às laterais do tronco.

como *botos*, que capturam tainhas junto com os homens, fazendo com que a atividade seja designada pela literatura especializada como “pesca cooperativa da tainha” (Pryor et al. 1990; Simões-Lopes, 1991; Simões-Lopes et al. 1998). Para aqueles que pescam com os botos e também para quem está assistindo, um dos momentos mais esperados é a chegada ao local de um *boto bom* ou de uma *bota boa*, que é como são chamados os animais que *trabalham* na pesca, em contraposição aos *botos ruins* ou *turistas*. Todos os *botos bons* são reconhecidos e nomeados pelos pescadores.

A postos em pequenas embarcações, faixas de terra ou dentro d’água, os homens acompanham um ou mais botos afugentar as tainhas em sua direção para, em seguida, indicar-lhes a localização do cardume, por meio de saltos e viradas que os pescadores logo reconhecem. Pude observar mais de um boto participando do cerco ao cardume, mas sempre somente um deles indicando sua localização. Após a *volta* ou o *salto* do boto ou da bota, os pescadores melhor posicionados em relação à sinalização do animal lançarão suas redes. Os movimentos de sinalização mais recorrentes entre os botos não seriam muito diferentes das vindas costumeiras do animal à superfície para respirar, se não fosse sua maior intensidade. No *salto* da sinalização o boto não tira o corpo todo fora d’água, como faz em outros momentos e como a palavra pode sugerir.

Tesoura, o local de pesca

Laguna é rodeada por morros e águas: a leste de seu centro urbano está o oceano Atlântico, a oeste, a Lagoa Santo Antônio e, ao sul, o canal que liga ambos. A cidade encontra-se em um dos maiores complexos lagunares do sul do país, formado pelas lagoas Mirim, Imaruí e Santo Antônio, totalizando uma área de aproximadamente 300 km². A lagoa Santo Antônio, também conhecida como Santo Antônio dos Anjos, recebe as águas das outras duas lagoas, do rio Tubarão, bem como de outros rios. Foi nesta lagoa que a pesca em questão se desenvolveu. Há pouca informação disponível sobre sua origem e história, mas estima-se, através de registros da cidade e história oral, que ela aconteça em Laguna há pelo menos 150 anos (Pryor et al., 1990, p. 325).

Em meados da década de 1930, com o objetivo de facilitar o trânsito de embarcações destinadas ao porto da cidade, foram construídas no estuário de Laguna (chamado na região de Boca da Barra) duas barreiras de pedras que se estendem cerca

de 1,5km em direção ao mar³. A paisagem deste canal é conhecida na região como Molhes da Barra ou Pontal. Ali, há uma pequena praia chamada Tesoura. O relato que segue concentra-se na pesca que acontece nesta praia e seu entorno imediato, pequenas praias contíguas conhecidas como Terceiro e Primeiro Espigão dos Molhes. A separação por modestos aglomerados de pedras faz com que as últimas mais pareçam seções da Tesoura do que praias diferentes. O acesso ao local é fácil e os Molhes estão a pouco mais de dois quilômetros do centro histórico e comercial da cidade. Portanto, o que segue passa-se em contexto urbano. Vale ressaltar que mesmo antes da construção dos Molhes a pesca com os botos já acontecia naquele local. Contudo, de forma mais intermitente, pois dependia da seca da maré.

De acordo com a estimativa de alguns pescadores, há mais de vinte e cinco pontos de pesca que contam com a participação dos botos ao longo do complexo lagunar da cidade. De toda forma, o que será descrito aqui, como dito, baseia-se na pesca que acontece na Tesoura e seu entorno imediato. As formas de pescar com os botos em Laguna podem variar de acordo com o ponto de pesca, em relação ao uso ou não de embarcações, aos tipos e tamanhos de tarrafas utilizadas, à movimentação dos pescadores no local, à organização e ocupação do espaço, ao escoamento do peixe e, inclusive, aos nomes pelos quais alguns botos são conhecidos, portanto resalto que o que segue diz respeito a um ponto específico, cuja escolha não foi aleatória. Na Tesoura, o fenômeno é mais intenso e recorrente que nos outros locais, sobretudo na “temporada das tainhas”.

Em Santa Catarina, tal temporada de pesca é aberta oficialmente em 01 de maio para a pesca de cerco de praia, 15 de maio para os botes de emalhe e 31 de junho para traineiras e outras embarcações de maior porte ligadas à pesca industrial. A temporada oficial vai de 01 de maio a 31 de julho. Na Tesoura, entre final de abril e início de julho, a região fica especialmente movimentada. A pesca não depende dessa época para acontecer, mas este é, sem dúvida, seu momento privilegiado. Nesta ocasião, é possível encontrar inúmeros pescadores perfilados ao longo da praia, vários *botos bons* envolvidos na captura, cardumes de tainhas sendo retirados da água e, nos finais de semana, um número considerável de moradores da cidade e turistas assistindo à atividade.

As tainhas são encontradas na extensa área entre o litoral da Argentina e do Rio

³ Ver <http://www.laguna.sc.gov.br/>, acessado em 10 de fevereiro de 2016.

de Janeiro, possuindo grande importância comercial nas regiões sul e sudeste do Brasil. Estes são peixes que passam a maior parte de suas vidas em regiões estuarinas lagunares. Contudo, estimuladas por quedas bruscas de temperatura, no outono elas migram para desovar nas águas mais quentes e salgadas do mar. A partir de abril, quedas de temperatura estimulam a partida das tainhas rumo ao norte. É quando cardumes de peixes adultos abandonam o estuário da Lagoa dos Patos (RS), uma importante área de criação no Brasil, e iniciam sua migração reprodutiva ao longo da costa. É durante essa migração, popularmente conhecida como *corrida das tainhas*, que ocorre a maior parte da pesca ao longo do litoral sul e sudeste do país (Seckendorff & Azevedo 2007). Na temporada das tainhas, elas passam a estar por toda parte na cidade. E o período é vivido intensamente no litoral catarinense.

Com água na altura das canelas, da cintura ou mesmo do peito, os pescadores na Tesoura esperam por um sinal. Em pé, sob um banco de areia submerso, os homens aguardam com suas tarrafas enroladas e suspensas nas mãos, às vezes, seguras com o auxílio da boca. É inverno e a água está fria ou gelada. Ventos, chuvas, variações de temperatura e incidência solar atravessam a estação, tornando indispensáveis alguns petrechos, além daqueles imediatamente associados à captura do pescado. Bonés, tocas de lã, chapéus, capas de chuva, roupas de borracha e, sobretudo, um macacão impermeável com as botas de borracha acopladas são itens de primeira necessidade, que permitem aos pescadores permanecer na água por longos períodos. Além daqueles em formação, há impreterivelmente homens que estão fora d'água, em geral limpando e negociando peixes, fazendo e refazendo as tarrafas ou simplesmente esperando sua vez de *fazer a vaga*, que são posições de pesca dentro d'água, ocupadas por ordem de chegada no local. Essa espera nunca é desatenta, pois mesmo fora d'água os pescadores estão assistindo ao que se passa alguns metros adiante. As *vagas* estão ligadas à ordenação espacial dentro d'água e à sequência na ordem da pesca entre os tarrafeadores. As primeiras vagas, no canto da Praia da Tesoura (sentido mar-lagoa), estão localizadas perto de uma ponta de pedra onde se refugiam as tainhas, além de serem o lugar por onde necessariamente passam os cardumes que vêm do mar para o canal e, por isso, são as mais disputadas. A prioridade sobre a *vaga* é vigente até a captura de pelo menos dois peixes. Na ausência de boto, os pescadores tarrafeiam à vontade (ato conhecido como *tarrafeiar às cegas*) ou saem da água, sem risco de perder o direito à posição. A água ali, normalmente, é muito turva e sem o sinal dos animais, pesca-se pouco ou quase nada. Na falta dos botos, os pescadores passam a se valer de

outros artifícios. Podem investir em *avistar peixe*. De pé em pedras próximas ao canal, quase no nível d'água, põem-se atentos a *restolhos* (a movimentação das tainhas que gera movimento na superfície da água), manchas de cardume e reflexos das escamas. Conhecem o fundo do canal e sabem onde estão os aglomerados de pedras, chamados por eles de *alagados*, que são os refúgios favoritos das tainhas. Observam estes locais com atenção.

Nos dias mais cheios, pode-se observar mais de cinquenta homens dentro d'água, igualmente repartidos entre a Tesoura e o Terceiro. À primeira vista, pode parecer que aqueles pescadores estão trabalhando sozinhos ou, melhor, cada qual com o *boto bom* ou a *bota boa* ali presente, mas esta é apenas uma falsa impressão, pois sempre há mais gente envolvida. A pesca na Tesoura é organizada em *equipes*, que podem variar de duplas a pequenos grupos, normalmente reunidos por afinidade, disponibilidade e combinação de perfis e especialidades. A ideia de cooperação, portanto, estende-se às relações dos homens entre eles, não apenas à relação entre pescadores e *botos bons*. O grupo de pescadores ali é bastante heterogêneo - em relação à idade, assiduidade, motivação, experiência e habilidade na pesca - e também flutuante, tanto em relação às jornadas diárias quanto às temporadas da tainha de um ano a outro, muito embora haja aqueles que estão sempre ali. Em meio a esta diversidade, as parcerias, relativamente flexíveis, podem ir sendo feitas e refeitas. Todo o dinheiro da venda do peixe é igualmente repartido entre todos os membros da *equipe*. Atitudes que sugiram auto favorecimento são vistas como *esganção* e severamente condenadas pela ética local, muito embora nunca tenha presenciado qualquer conflito aberto.

A diversidade daqueles pescadores se estende ainda às motivações para pesca. Há aqueles que estão interessados principalmente nos dividendos da venda do peixe, mas há também aposentados e turistas (geralmente de cidades vizinhas como Tubarão e Criciúma) que vão até aos Molhes se distrair e, com sorte, pegar alguns peixes para consumo próprio. Entre os mais assíduos, é unânime que ali se pesca tanto por gosto - "todo mundo aqui gosta de pescar" - quanto pela renda gerada pela comercialização do peixe - "e tem o dinheiro que ajuda". Repetidas vezes me disseram que dentre todos ali, apenas dois ou três dependiam integralmente da renda da pesca. Sendo assim, além da motivação financeira, pesca-se por que aquela atividade é uma *terapia* ou, como ouvi tantas vezes, uma *vadiação*. Além dos aposentados, que não são poucos, a maioria esmagadora daqueles pescadores têm outra atividade: trabalham na construção civil, são

pintores, carpinteiros, instrutores de autoescola, vigilantes, sargentos da polícia, salva vidas, estudantes, bombeiros. Homens que reservam suas férias, licenças e demais tempo livre para a temporada da pesca. Esta multiplicidade dos perfis dos pescadores que frequentam a Tesoura talvez já nos permita reconsiderar o caráter homogeneizador da categoria “pescador artesanal”.

Botos, pescadores, tainhas, ação

Quando os botos aparecem, o ritmo local muda. A atmosfera de espera, descontração e pilhéria assume uma aura de ação que pode às vezes ser ligeiramente apreensiva. Muitas vezes, antes de ver o(s) boto(s) que estão se aproximando vemos os homens pegando suas tarrafas e rapidamente assumindo suas posições na água. Com os olhos treinados, evidentemente eles veem os botos muito antes de nós. Se fosse um jogo de futebol, a aproximação de um *boto bom* seria algo como um escanteio: todos se posicionam e acompanham o lance atentamente, cujo desfecho, a despeito da grande possibilidade de gol, nunca é completamente previsto. Abaixo, reproduzo um trecho do caderno de campo que descreve a presença e atuação de *botos* e pescadores na Tesoura. Situações como essa acontecem repetidas vezes ao longo de um dia, sobretudo no começo da temporada, com desfechos diversos. Com o passar das semanas e a diminuição dos peixes, veremos cenas como essa apenas nos momentos de *quebra de maré*, que são os momentos de troca no fluxo da maré, preferenciais para se capturar peixes. A condição considerada ideal na Tesoura é quando a maré *quebra* duas vezes ao longo do dia.

Olhos atentos na água. Caroba [uma *bota boa*] saltou duas vezes, quase de costas para Gegê [pescador]. Saltou novamente, agora de lado. Fez um barulho mais intenso com o orifício respiratório e não gerou tarrafadas. Afastou-se para mais perto das pedras. Homens com os olhos vidrados na água. Caroba reapareceu no meio da Tesoura e do canal, fora do campo de ação dos pescadores. A atenção se voltou para lá. A bota vem vindo. Reapareceu com mais um, já em frente ao Gegê. Continuaram seguindo juntos para o Terceiro [prainha contígua à Tesoura]. Voltaram e reapareceram novamente na Tesoura, na altura do meio da praia. Continuam seguindo. Já estão em frente ao primeiro pescador, lá no canto da Tesoura. Emergiram juntos. Parecia que eram dois, mas

surgiu um terceiro boto. Safico gritou da areia: “já tem um boto para cada um!”. Um homem tarrafeou. Nada. Breve dispersão. Dois outros botos surgiram na superfície, em lugares e momentos diferentes. Aqueles três primeiros animais seguiram lagoa adentro. Passaram em frente aos pescadores posicionados no Terceiro. Com a presença deles ali, os homens tarrafearam. Nada de peixe. Os botos continuaram se movimentando. Agitados, um deles batia com a cabeça na água. Os três pescadores mais experientes que estavam na Tesoura correram na direção dos animais. Eles passaram pelos três homens que estavam no começo do Terceiro e tarrafearam. Um deles pegou peixe: três tainhas apenas. Os botos ainda fizeram mais alguns movimentos. A *cola* (nadadeira caudal) para o alto, torções de corpo. Sumiram e só então os homens relaxaram. Este desenlace durou cerca de quinze minutos. As pessoas na praia se reuniram em torno da tarrafa com peixe e tiraram fotos. Os pescadores dispersaram, alguns saíram da água. Aqueles que estavam na Tesoura antes dos lanços voltaram a assumir seus postos, com exceção de Gegê, que ficou na prainha ao lado, onde havia pegado peixe. (Trecho do caderno de campo, julho 2015)

Os botos estão sempre em movimento, em meio a mergulhos e reaparições constantes: submergem, desaparecem sob as águas turvas do canal e voltam a emergir poucos ou muitos metros adiante. Em geral, seus movimentos são suaves, cadenciados e semicirculares. Costumam nadar em pequenos grupos e não raro seus movimentos são sincronizados. Quando vêm em busca de ar na superfície, é possível, muitas vezes, ver e ouvir o borrifo de água de seus orifícios respiratórios ou *respiro*, segundo o jargão local. O repertório de movimentos é muito variado: nadam uns sobre os outros, lançam-se juntos para fora d’água, saltam e torcem o corpo no ar, jogam peixe para o alto. Em um domingo de praia cheia, três deles, antes de sumirem da vista de todos, lançaram-se enfileirados, paralelos à superfície da água e absolutamente sincronizados, como projéteis rumo ao mar. Às vezes se escuta em Laguna que “os botos são exibidos”.

Na Tesoura, nunca presenciei os pescadores chamarem os botos com sinais sonoros, gesticularem para eles, baterem remos ou varas na água para atraí-los, tampouco oferecerem peixes ou tentarem tocá-los. Eventualmente, no momento de espera dentro d’água e quando um *boto bom* já está por perto pode-se *bater a tarrafa na água*. “Se é o boto que trabalha para gente, então a gente bate com a tarrafa na água, ele

escuta, vem aqui para ver se tem o peixe”⁴. Segundo interlocutores na Tesoura, este gesto visa também redirecionar o movimento das tainhas. Ao bater a chumbada da tarrafa na água o peixe pode parar, correr ou mudar de direção. De toda forma, deve ser acionado em situações adequadas, caso contrário, pode espantar o boto e colocar tudo a perder. Alguns relatos afirmam que os pescadores podem gritar para os botos no canal: “vamos trabalhar!” (Simões-Lopes 1991: 89).

As tainhas, que têm por hábito trafegar pelos costões de pedra, procuram refúgio em meio às pedras no fundo e nas laterais do canal. A máxima que corre na Tesoura é que “tainha tem medo de boto e boto tem medo de pedra”. Normalmente, quando elas estão perto das pedras os botos simplesmente as aguardam. Às vezes, atacam-nas com movimentos bruscos. Mas a conduta mais comum é eles manterem-se discretamente perto dos *alagados* (como são chamadas as aglomerações submersas de pedras), *cheirando peixe, boiando, disfarçando, de barriga para cima*. “O Caroba continua ali, subindo e descendo” - “Está espiando, fazendo jeito na pedra. Fica fazendo jeito para peixe. Sobe a cabecinha, desce, cheirando peixe” (diálogo entre Brisa e Safico, julho 2015). No documentário sobre esta pesca produzido pela rede televisiva Animal Planet, o pescador João explica:

Peixe está entrando dentro da Barra. E se esconde ali. Como os botos estão cuidando do peixe, debaixo dessa pedra, eles estão só esperando a hora. Pescador não pode bater a tarrafa na água, não pode fazer barulho no chão com os pés, porque aí o peixe volta para debaixo da pedra outra vez. Se for fazer barulho, corre o dia todo assim e o boto não dá mais um pulo. O peixe está lá na pedra. O boto quando cola daquele jeitinho, bem quietinho, paciente, paradinho ali, é onde está o peixe. O boto também, muito inteligente, ele não faz barulho. Não movimenta o corpo dele no fundo do mar. Ali, ele está só olhando o peixe. Qualquer movimentozinho que o peixe der, ele se joga, ele faz a volta. O pescador, como já conhece, já vai dizer: “o boto está com o peixe lá, está só espiando o peixe”. Então, qualquer pulo que ele der, qualquer movimento do corpo, pescador já vai botar a tarrafa também, por que já conhece, já sabe onde está o peixe. (aprox. 23’59”)

⁴ Depoimento retirado do documentário da Animal Planet (22’23”). Não fica claro quem é o pescador que está falando. Talvez, Dedeque .

Quando as tainhas deixam as pedras, inicia-se a perseguição. Um ou mais botos passam a afugentar os peixes em direção aos pescadores, que acompanham os movimentos com atenção, buscando antever onde os botos reaparecerão após cada mergulho. Conscientes da presença de peixes no local, um mergulho mais demorado do boto pode ser indicativo de uma sinalização iminente. Quando o cardume de tainhas já está devidamente posicionado, ao alcance de alguma tarrafa, o boto executa o movimento para *mostrar peixe* aos pescadores. Este movimento é comumente percebido como sendo um *salto mais forte, mais agressivo* ou *mais enérgico*. Os pescadores nunca são completamente surpreendidos pela sinalização, pois o *salto* do boto é o desfecho de uma sequência de movimentos que começou alguns minutos antes, com a chegada e aproximação de um *boto bom* ou de uma *bota boa* ao local. O *salto* ou a *volta* do boto, portanto, é o momento tão esperado, quando os homens devem arremessar suas redes. O primeiro a fazê-lo é aquele que está *fazendo a vaga* em frente à sinalização do animal. Em seguida, é a vez daqueles que estão imediatamente ao seu lado lançarem as *tarrafas de fora* ou *do recurso* para capturar tainhas que eventualmente escaparam. Cada sinalização desencadeia, portanto, uma sequência de vários arremessos. Aos movimentos quase coreografados de torções de troncos e estiramentos de braços para arremesso das redes, segue o som do encontro das chumbadas com a superfície da água.

Após um lanço bem sucedido, o pescador arrasta cuidadosamente a sua tarrafa até a faixa de areia. Sozinho ou com a ajuda de um parceiro, ele retira a tarrafa da água e começa a *despescar*, despreendendo os peixes da malha. Em um rápido passar de olhos, conferem a quantidade e a qualidade das tainhas pescadas. Muito embora trate-se sempre de tainhas, estas têm uma grande diversidade, relativa não à espécie dos peixes, mas às fases em seu ciclo de vida. O boto que mostrou este cardume pode continuar por ali *trabalhando* ou, simplesmente, ir embora lagoa adentro ou mar afora. Dentro de algum tempo, chegarão outros e a captura recomeçará.

As tainhas podem ser *ovadas*, *leiteiras*, *facoadas* (ou *facões*), *corseiras*, *virotas*, *tainhotas*, *caras pretas*. Os pescadores identificam o peixe pelo tamanho, coloração, formato do corpo (da cabeça e da barriga principalmente) e época do ano em que aparecem. As mais apreciadas são as *ovadas* e as *leiteiras*, tidas como fêmeas e machos, respectivamente. As primeiras são menores e têm a carne saborosa, são o *peixe gordo* (aconselhado para brasa e pirão). Para confirmar se a tainha é mesmo *leiteira* costumam apertar a barriga do peixe, fazendo escorrer de um pequeno orifício um líquido branco e viscoso. As *ovadas*, embora tenham a carne mais magra, possuem ovas amarelas,

estimadas pela culinária e mercado, possuindo maior valor comercial. As *facoadas* ou *facões* já desovaram, são consideradas pouco saborosas (“se assar fica seca, fininha, não tem gosto”), mas possuem atrativo comercial devido ao grande porte. As *corseiras* são as tainhas que trafegam pelos costões de pedra e, dificilmente, entram no canal. Quando capturadas, chamam atenção pelo tamanho, pois é um *peixe grado*, maior que os demais. Os *viotes* e *tainhotas* são “peixinhos miúdos, pequeninhos, filhotinho de tainha” (Seu Guerrinha, junho 2015). E *cara preta* “são umas tainhotinhas bem pretinhas. Por que se criaram no mar, então ela é bem pretinha, o lombo dela é bem pretinho, a carinha bem pretinha. Se ela vai para lagoa, onde tem barro, a escama dela vai ficando meio amarelada, não vai ficando mais pretinha. É um peixinho magrinho, só é comprido” (Safico, maio de 2016). Embora as designações se multipliquem, ao insistir nas diferenciações é comum ouvir que “é tudo tainha, é a mesma coisa, tem só uma diferencinha”. Na época da *temporada das tainhas*, os peixes capturados na Tesoura são principalmente os *facões*, também conhecidos como *peixe de entrada*, que vem do *mar grosso*. Ou seja, são as tainhas que, em meio a sua migração reprodutiva, já desovaram no mar e, dependendo da condição dos ventos, irão adentrar a *barra* (o canal no estuário), rumo à lagoa. Já os *viotes*, *tainhotas* e aquelas chamadas de tainhas, propriamente, são consideradas como o *peixe de cima*, da lagoa. Elas são capturadas mais intensamente a partir do mês de setembro, quando os pontos de pesca lagoa acima têm sua atividade intensificada. Para esse *peixe de entrada* adentrar a barra é necessária uma certa conjuntura, que diz respeito sobretudo ao sequenciamento dos ventos. Há a *boa quadra de vento para peixe*:

A gente pede no começo de abril, 15, 20 de abril em diante. Dois dias de vento sul forte, aí começa a aparecer o *facão*, quatro ou cinco dias de calmaria, *viração*, que é o *ventinho* que vem ali do morro, como se fosse um *lestizinho fraquinho*. Aí três dias de nordeste fraco, até dois dias de nordeste fraco, que não suja muito a água e é bom para o peixe entrar. Depois um nordeste forte serve para acabar com tudo. Por que a *quadra* vai ficando velha, é bom vir o vento sul para melhorar a *quadra*. O nordeste suja a água, espalha o *cardume*. Com água clara e pouco vento o *cardume* vem mais amontado. Se tem mar ruim na praia o peixe sai do *mar grosso* e entra tudo na lagoa (Amilton, maio de 2015).

Versões mais simplificadas de uma *boa quadra de vento* dirão que é preciso dois

dias de vento sul (ou *rebojo*) para o *peixe correr*, dois dias de calmaria para eles *encostarem* e mais dois dias de vento nordeste para *entrarem na barra*. Os ventos, assim como veremos adiante com os movimentos de sinalização dos botos, não podem ser pensados isoladamente.

Para aqueles pescadores, estas tainhas estão *correndo, viajando*. A alusão é sempre ao movimento. Uma vez capturadas, esse movimento assume novos rumos. É hora de comercializá-las, o que normalmente é feito com o peixe inteiro e, na maioria das vezes, ainda vivo. O mais comum são os compradores levarem as tainhas dali se debatendo dentro de sacolas, poucos minutos depois de terem saído da água. Quase todos na praia se reúnem em torno da tarrafa que acabou de ser aberta na areia. O homem que pescou ou um parceiro seu ficará ali ao lado para a negociação. “Quanto é o quilo?” - “Aqui não é no quilo, é no olho. Escolhe o peixe que eu te falo o preço” (diálogo recorrente entre pescador e cliente). Nesta hora, os pescadores são também comerciantes e normalmente sugerem um “combo” de cinquenta reais. Os preços dos peixes variam de acordo com sua qualidade, com os dias da semana (nos finais de semana costumam ser mais caros), com o vendedor, com a urgência do dinheiro, com o horário do expediente, com o que já foi vendido até aquele momento. Se o freguês preferir, alguns dos pescadores se dispõem a *consertá-la*, isto é, prepará-la para consumo, tirando vísceras e escamas. Peixes capturados em outros locais às vezes são vendidos ali também, devido a circulação de turistas. Algumas tainhas que já passaram pelo gelo também são expostas. Os peixes capturados às vezes são repassados aos *bombeiros*, como são conhecidos os atravessadores que compram tainhas em quantidades maiores e por quilo, diferente dos moradores e turistas. No começo da temporada de 2016 o quilo da tainha na região (mais especificamente no Farol de Santa Marta, um bairro de Laguna), chegou a custar dez reais, o que parece ser um preço recorde para o histórico local. Em meados de junho, chegando o fim da temporada, as tainhas estavam sendo repassadas a quatro reais o quilo, na Tesoura. Durante esta temporada, o preço de uma tainha vendida unitariamente ou em pequenos “combos” variou, em média, entre nove e vinte e cinco reais, de acordo com o tipo de peixe (*facão* ou *tainha ovada*).

Reconhecimento e nomeação dos botos

Como entrevistamos até aqui, na pesca conjunta no canal em Laguna, os *botos*

bons possuem nomes e características próprias, como o Scooby, o Caroba, o Mandalão, a Jade, o Figueiredo, a Borracha, a Botinha do Rio, a Princesa, o Jack, o Batman, o Robin, o Eletrônico, o Ligeirinho, o Porquinho, o Estrela e tantos outros. É esta a primeira classificação dos pescadores: separam os botos em *bons* e *ruins*, aqueles que *trabalham* e *não trabalham* na pesca (também chamados de *vadios* ou *turistas*). Apenas os primeiros são identificados e nomeados pelos pescadores. Quando questionados sobre os demais: “ah, isso aí é boto ruim”.

Da maioria dos botos que participam da pesca sabe-se o sexo, a idade estimada, a filiação materna e alguns episódios marcantes na história de vida: emalhes, desaparecimentos temporários, acidentes com pescadores, procriações, grau de habilidade e experiência na pesca, pontos de pesca preferenciais, características físicas, marcas no corpo (sobretudo na nadadeira dorsal) e padrões de comportamento (sobretudo movimentos característicos). Estes três últimos aspectos são especialmente importantes, pois é o que permite o reconhecimento do animal e alguma previsibilidade na hora da interação. Certa feita, um senhor, muito intrigado, perguntava aos pescadores na Tesoura como eles conseguiam reconhecer os botos. Amilton (junho 2015) respondeu:

Se o senhor comprar cinquenta gados, ver eles crescer, não vai saber quem é um por um? Se o senhor tiver trigêmeos não vai saber quem é quem? São todos iguais...

É comum que respostas a essa questão sejam formuladas por meio de analogias com pessoas, animais domésticos e de criação, principalmente. Ao interrogá-los sobre a questão, as primeiras respostas costumam ser semelhantes: “É difícil de explicar...a gente conhece os botos” (Seu Guerrinha, junho 2015). Tamanho do animal, coloração, formato da nadadeira dorsal (chamada de *galha*), marcas nesta nadadeira e pelo corpo, além de certos comportamentos específicos são as principais formas de reconhecimento. Os machos, de modo geral, são maiores, mais *riscados* e *branquicentos*, ao passo que as fêmeas são menores e mais *lisinhas*.

Figueiredo (que é uma fêmea), por exemplo, tem um cortezinho na *galha*; Scooby é *branquicento* e maior, além de ter uma mancha bem no meio da nadadeira dorsal; Caroba tem uma mancha branca desde filhote na lateral da nadadeira, além de uma outra marca no corpo, oriunda do incidente com um pescador; já a Botinha do Rio

“é toda lisinha, não tem mancha nenhuma, só um risquinho fininho debaixo da galha”. Eletrônico “tem um cortezinho bem no comecinho da galha” e “jeitinho de macho”, disseram Manoel e Amilton, respectivamente. Já Mandalão tem um “risco branco na galha. Scooby tem só um, Mandalão tem dois” (Manoel, maio 2015). A Borrachinha “tem um pingo branco do lado da galha, Borrachinha é filho da Borracha, uma bota boa que trabalha lá em cima no rio, ela também tem uma mancha na galha” (idem). A questão do conhecimento comportamental do animal, no entanto, talvez seja ainda mais importante, como observamos nestes diálogos reproduzidos do caderno de campo.

- Quem é esse, seu Guerrinha?
- Esse aí é o Mandalão.
- E como o senhor reconhece ele?
- Pelo tamanho. Ele e o Scooby são os maiores que têm aí. É branquicento também. Têm muitos branquicentos, né?! Mas a gente conhece. Até pelo jeito dele trabalhar. (Trecho do diário de campo em 20/06/2015)

Safico foi quem disse: “Cada boto tem sua mania, igual um jeito de andar. Às vezes a gente conhece só pelo jeito de virar, não precisa nem mostrar peixe” (junho 2015). Para alguns botos há descrições precisas de como ele se movimenta para *mostrar peixe*, incluindo suas vagas de preferência. Tem boto que pula “de bico”, “de lado”, “batendo a barriga na água”, “mais riscado”. Caroba é um boto que “pula fazendo a volta”. A reputação de Caroba, por exemplo, é a de que é um boto *mais calmo* e também *sorrateiro*, o que exige que o pescador reconheça seus movimentos, pois, caso contrário, perderá o lanço.

Tem boto que é mais violento, mais agitado, e tem boto que é mais calmo. O Caroba mesmo, ele pode vir e saltar rápido no peixe, como ele pode vir e só passar assim na frente do pescador, só tirar o corpo fora d’água, mergulhar na frente do pescador, e quem não conhece o Caroba não sabe que é peixe, e é peixe (Jader, abril 2015).

Ah! O Caroba é o mais sorrateiro que tem. Ele dá uma virada, nada, nada [do

verbo nadar]. Aquele ali tens que conhecer, se bobear ele passa com o peixe e tu não tarrafeira (Barroso, julho 2015).

Já o Scooby, um boto experiente, assíduo na Tesoura e muito apreciado por sua eficiência na pesca é considerado um boto *misterioso* (Barroso, julho de 2015):

O Scooby, ele é um boto, ele é um boto misterioso. Ele não tem, não tem, daqui a pouco ele some, você não vê ele mais, daqui a pouco ele está levantando lá na frente. Quer dizer, é um boto de muito fôlego, né?! É um boto de muito fôlego. Ele tem assim ó umas viradas, ele vai lá na ponta da pedra e olha, dá aquela cheirada, a tradicional cheirada, tu sabe, né?! Olha: “ah, o peixe tá aqui”. Aí ele vem vindo, devagarzinho, disfarçando, vira as costas para o peixe. Daqui a pouco o peixe sai da pedra, ele pula. Pula de frente na verdade, de frente para o pescador (Barroso, 2015).

Além do movimento corporal, em duas ocasiões diferentes surgiram relatos que afirmaram alteração na expressão facial do animal. Dois pescadores disseram que no momento da sinalização o boto pode arregalar os olhos. Claro que entendimentos como esses dependem tanto da experiência do pescador quanto do boto, bem como do tempo de convivência juntos. Quando nos damos conta que alguns daqueles pescadores e botos convivem há cerca de trinta anos, essa questão do reconhecimento vai se tornando menos enigmática.

A primeira resposta dos pescadores para a questão da sinalização do boto é de se tratar de *um salto mais agressivo, mais forte, mais enérgico*. De toda forma, o salto é, na verdade, o clímax de uma sequência de comportamentos que teve início desde o momento que o boto chegou no canal. Sendo assim, é importante pensarmos o movimento de sinalização em uma sequência de movimentos e não isoladamente, afinal, o boto não chega no local e imediatamente salta no peixe. Antes do clímax do *salto*, o boto já vem *fazendo jeito para peixe*. Com o conhecimento que aqueles pescadores têm do comportamento tanto dos botos (de cada um deles especificamente) quanto das tainhas, eles conseguem ter alguma previsibilidade. Entretanto, como entender situações em que movimentos visivelmente mais intensos dos animais não acarretam arremessos de tarrafa? Fato é que o repertório de movimentação dos botos não se restringe à sinalização da localização dos cardumes e, além de estar *mostrando peixe* ou se

movimentando casualmente, eles podem estar *de folia, brincando ou tirando peixe da pedra*. É esta a primeira diferenciação que cabe aos pescadores fazer. *Folia* é o modo como se referem à atividade sexual dos animais, que não raro acontece por ali. Os momentos de brincadeiras entre os botos são muito comuns também. E os movimentos percebidos como sendo para afugentar os peixes das pedras geralmente são batidas de partes do corpo, normalmente a cabeça ou a cauda, na água. Os peixes saírem destes locais é fundamental, pois apenas nessa hora é possível iniciar o cerco. Este repertório de movimentos nunca é confundido com a sinalização da localização dos peixes.

A diferenciação dos botos pelos pescadores pode ir ainda mais longe. Sabendo que *cada boto tem sua mania*, mais do que reconhecer a sinalização, os pescadores experientes sabem que alguns animais têm, por hábito, deixar o peixe *atrasado, adiantado ou do lado do corpo*, o que interfere na forma como ele *bota a tarrafa*. Além disso, alguns homens possuem seus botos de preferência. De modo geral, os botos mais experientes são sempre prediletos em relação aos iniciantes, pois tornam a pesca mais eficiente. Botos novos, que estão aprendendo a trabalhar, costumam ser afoitos, “pular em qualquer peixinho”. Cinza, por exemplo, afirma gostar mais do Scooby, por ser este um boto “que não mente” (Cinza, 2015).

Está lá fora no canal, vem e pula aqui, pode jogar que é peixe. Tem outros que a gente fica tarrafeando, tarrafeando e não pega (idem).

Já Barroso prefere o Borracha, que foi quem lhe “deu”, foi esta a palavra utilizada, a maior *tarrafada* de sua vida, que é também uma das maiores da história da Tesoura. Foram 297 tainhas em um único lanço da rede, conforme ouvi do próprio Barroso e também de outros pescadores na Tesoura. Ele diz gostar de todos os botos, mas quando o Borracha surge os outros chegam a dizer em tom de brincadeira: “ó, Barroso, lá vem teu boto, é o Borracha”.

Eu batizei ele para mim quando era mais pequeno, agora está jaguara. Criou barba, ficou vagabundo, não pula mais para mim. Mas é por que o boto, ele é um boto macho, então o boto macho vai ficando velho, por exemplo, o Scooby é um boto já velho, trinta anos, trinta e cinco, não tenho a idade certa, mas já passa dos trinta anos, então é um boto mais velho, esses botos mais novos machos eles só querem brincar, só querem foliar com as meninashas (Barroso, 2015).

Os *botos bons* são nomeados ainda filhotes, o que não significa que seja tão logo eles nascem. Os filhotes acompanham suas mães por períodos que duram cerca de três anos (cf. Pryor, 1990, p.330). Em meados de 2015, alguns filhotes com cerca de pouco mais de um ano ainda não haviam sido batizados. Isso pode acontecer quando surgir uma marca no corpo e também em outras circunstâncias, como nos casos em que os filhotes são acidentalmente capturados nas tarrafas. Já ouvi algumas vezes: “quando pegar na tarrafa, bota o nome”. Tais capturas, ao que tudo indica, tem a ver com a inexperiência destes animais na pesca. Em situações como essa a iniciativa imediata é tentar desenredá-los, o que seguramente acontece por parte dos pescadores, mas parece acontecer também por parte de outros botos. Há relatos de botos maiores que arrebitaram com os dentes a tarrafa com o filhote emalhado, bem como depoimentos de que a bota, mãe do filhote enredado, “vem no raso assim, na beira do barranco, e começa a gritar”. Sempre que um boto é emalhado, a atitude imediata dos pescadores é tirar a *fieira* da tarrafa do pulso para não ser arrastado, sobretudo se for um animal adulto. Depois, segura-se firme a tarrafa para que o animal “estoure” a rede. Até onde sei, há dois casos de situações de emalhe que os homens foram arrastados lagoa adentro, e felizmente sem graves consequências (ao menos para eles, para os animais não sei dizer). Os pescadores mais experientes têm muito mais de um episódio de captura acidental para contar. Alguns fatais, o que é fonte de muito pesar. Algumas vezes o animal não morre no momento do incidente, mas poucos dias depois. Esta forma de pesca é considerada complexa e arriscada para os animais nela envolvidos.

Diante das situações de arraste dos pescadores, vemos que a questão do risco talvez possa ser estendida aos homens também. Embora esteja mais interessada em investigar como botos e homens fazem o que fazem, e nem tanto o porquê, no momento atual da pesquisa percebo alguns paralelos no engajamento de uns e outros nesta atividade. Ao que me parece, além do risco, ambos compartilhariam a aquisição de recursos alimentares (e também financeiros para os homens) e a fruição. A atividade tem, visivelmente, dimensões de jogo e brincadeira para a maioria dos pescadores. Afirmar isso para os botos é mais complicado, embora já não me pareça absurdo ⁵.

⁵ Esta é uma impressão baseada em algumas declarações dos pescadores, de que muitas vezes os botos *pulam* em inúmeras mantas de peixe e não comem nenhum, e também na observação do comportamento dos botos, inclusive em outras situações presenciadas em Laguna, como nos casos em que eles surfam ondas na praia (sozinhos ou junto com surfistas), acompanham embarcações e pranchas de *stand up*. Diante disso e sabendo que estes animais são curiosos, sociáveis e que mesmo os indivíduos

Antigamente, se um filhote era pego na rede, além de nomeado, poderia ser criada alguma marca em sua nadadeira dorsal para reconhecimento posterior. Hoje, dizem que em decorrência da presença da polícia ambiental, isso não acontece mais. É relativamente comum em Laguna botos fêmeas com nomes masculinos, como a Figueiredo e a Taffarel, por exemplo. O contrário, todavia, apesar de mais raro, também pode acontecer. Estrela, por exemplo, um boto novo que começou a *trabalhar* recentemente parece ser um boto macho. Além do gênero, quando o assunto são coletivos de botos e tainhas, não se flexiona número, referindo-se sempre ao *boto* e ao *peixe*.

Os nomes dos botos podem ser relacionados ao parentesco (o filhote da Borracha, por exemplo, é Borrachinha; da Mandala é Mandalão; de Lata Grande é Latinha); a personagens de cinema e televisão (como o Batman e o Scooby), do futebol (Taffarel) e da política nacional (Figueiredo, Tancredo, Juscelino); a algum traço do comportamento (o Eletrônico tem este nome por ser muito agitado, assim como o Ligeirinho); ao lugar de origem (como o Araranguá, que veio desta cidade vizinha ou a Botinha do Rio, que supostamente nasceu no rio Tubarão, lugar que sua progenitora, Inrrilha, sempre *trabalhava*); à relação com algum pescador (Caroba leva o apelido do pescador que o viu pela primeira vez; Telha o de um pescador que o pegou na tarrafa, Zé Telha), além de outras associações diversas, como com a marca de um cigarro da época (Marusca). E a questão da escolha dos nomes e do momento da nomeação parece ser bem espontânea, sem grandes prescrições. Em determinado momento um pescador sugere, começa a chamar o animal daquela forma, os outros repetem e, pronto, o boto está batizado, ao menos temporariamente. Quando o animal ainda é novo, este nome pode se alterar. Além disso, os botos podem ser chamados por nomes diferentes de acordo com o ponto de pesca. O filhote de Figueiredo, por exemplo, conhecido como Eletrônico na Tesoura é chamado de Laguninha na Toca da Bruxa e de Surfistinha e Lagartixa em outros lugares. Além disso, um mesmo boto pode ter mais de uma

adultos têm comportamentos ligados aos jogos e brincadeiras, fico me perguntando se, além do recurso alimentar que certamente está envolvido, não podemos considerar também outras motivações, ligadas à interação por ela mesma, o jogo e a brincadeira. Do ponto de vista da literatura especializada acerca de tal interação, essa não é uma hipótese considerada. Aventa-se a “hipótese de cooperação” ou “estratégia de forrageio de caráter aparentemente mutualístico” (Simões-Lopes, 1991:90; Daura-Jorge, 2011: 56), isto é, uma relação vantajosa em termos de aquisição de recursos alimentares e economia de energia para ambas espécies envolvidas. Inclusive o fato de acompanharem embarcações também poderia ser entendido nessa chave: aproveitar as ondas geradas pelos barcos apresentaria vantagens energéticas em termos de locomoção. A quantidade significativa de alimento diário que estes animais necessitam e o risco envolvido para aqueles que participam da pesca excluiria dimensões do comportamento ligadas às interações espontâneas e comportamentos de jogos e brincadeiras (Simões-Lopes, comunicação pessoal).

designação num mesmo local, dependendo de atributos individuais e da criatividade do pescador. Na Tesoura, já ouvi Scooby sendo chamado de Garanhão, Sombra ou Bruxo, devido a atitudes territorialistas, como dar *corridão* nos outros botos, e a seu modo de *trabalhar*, em que submerge e ressurgue num lugar insuspeito do canal.

Dito isso, chegou o momento de retomar o argumento proposto inicialmente. No início do texto disse que a comunicação interespecífica é parte fundamental dessa técnica de pesca, tanto em relação ao seu bom funcionamento quanto à sua perpetuação. Imagino que, após a descrição, já seja possível entrever que a troca de sinais é constitutiva da ação e fundamental para o sucesso na captura dos peixes. Já quanto à importância da comunicação para o desenvolvimento e perpetuação dessa forma de pescar conjuntamente, algumas palavras ainda precisam ser escritas.

Ao longo da descrição vimos que há um complexo “circuito comunicativo” (Sautchuk, 2007: 127) envolvido. Alguns dos sinais mais evidentes seriam o *salto* dos botos para os pescadores, o tarrafejar dos pescadores no momento certo (indicativo para os botos que eles entenderam seu sinal), os *restolhos* e reflexos de escamas das tainhas na superfície da água, a percepção pelas tainhas da sombra dos homens, o impacto dos chumbos da tarrafa na água (redirecionando o movimento das tainhas e chamando a atenção dos botos), o comportamento discreto dos botos junto aos *alagados* (já que a pausa no movimento também pode ser pensada como parte da comunicação) e eventuais movimentos bruscos para provocar a saída das tainhas das pedras. Fora da ação de captura propriamente poderíamos pensar ainda que certas condições ambientais são indicativas da iminência de peixes, como, por exemplo, determinado sequenciamento de ventos ou alteração na cor da água, indicando variação no comportamento da maré. A dinâmica da pesca apresenta-se então como uma longa sequência de ações e encadeamentos entre diferentes seres e condições climáticas. Demarcar a fonte da ação aqui é algo que já me parece sem sentido. O entendimento das manifestações de alguns dos seres envolvidos, bem como de algumas forças da natureza é o que garante alguma previsibilidade e orienta a ação dos envolvidos.

O segundo desdobramento da questão da comunicação está relacionado ao desenvolvimento e perpetuação dessa técnica de pesca. Há um certo entendimento, mais ou menos tácito, que diz que esse conhecimento de pesca é culturalmente transmitido de pai para filho, entre os pescadores, e de bota boa para filhote, entre os botos. Isso de fato parece estar em questão. Mas será que, além de aprenderem com indivíduos mais experientes de suas respectivas espécies, botos e pescadores não estão desenvolvendo

juntos essa habilidade, isto é, aprendendo também uns com os outros? Não mais duas séries de transmissão paralelas, relativas cada qual a uma espécie, mas um entrecruzamento no cultivo e desenvolvimento de tal habilidade (Ingold, 2000). Se isso faz algum sentido, e achamos que faz, o componente da troca de informações entre homens e botos e da influência mútua de seus comportamentos é fundamental. Os botos não agiriam dessa forma não fossem os homens, e vice versa. Sabe-se, por exemplo, que se o boto saltar mostrando os peixes várias vezes e o pescador não tarrafejar, o animal *larga o peixe*. Ou seja, é um comportamento que vai sendo cultivado na interação, na troca bem sucedida de sinais. Outro exemplo vem de outra técnica para se capturar tainhas com os botos em Laguna, chamada batida. Alguns pescadores dizem que ela está em vias de desaparecimento, pois os tarrafeadores não esperam mais o *boto bater*, se antecipando quanto ao lançamento da tarrafa. Tal atitude por parte dos homens está de certa forma “limitando” o exercício e desenvolvimento da habilidade da batida por parte dos botos. Nessa cadeia de ações, o cultivo e a perpetuação dessa forma de pescar conjuntamente depende do entendimento mútuo e influência de uns sobre os outros.

O percurso dessa pesquisa está sendo uma constante inclusão de agentes e relações entre eles. O binômio boto-pescador é, sem dúvida, muito atraente e foi a porta de entrada ao tema. Mas eles são apenas parte (parte importante, é verdade) de um encontro que reúne muitos outros. Depois deles, as tainhas foram assumindo sua devida importância, se mostrando muito diversificadas, com um ciclo de vida capaz de ativar e desativar pontos de pesca ao longo do complexo lagunar, de mobilizar a cidade na época da temporada. Depois das tainhas, vieram as pedras. Eu não havia prestado atenção nelas, até escutar que “tainha tem medo de boto e boto tem medo de pedra”. Quer dizer, então, que aqueles aglomerados minerais “inertes” tem uma importância fundamental nisso tudo? Após botos, pescadores, tainhas e pedras chegaram os ventos e as marés. O *rebojo* (vento sul) foi se mostrando imperativo, como de fato ele é. Um vento seco e gelado que faz os peixes *viajarem*. Águas, aves, peixes, pessoas, árvores, botos, todos se alteram na sua presença. Há dias que não teria um homem ou boto sequer na Tesoura, se não fosse a esperança de que, na quebra da maré, vai dar um peixinho. Há, ainda, uma coisa totalmente fundamental. No começo, ela me chamava atenção apenas pelo som apaziguador que emite ao cair na água. Depois, pelo seu constante manuseio: recolhe, enrola, levanta, lança, arrasta, desembola, limpa, suspende, segura, joga nas costas, conserta, faz, compra, vende. Só recentemente entendi que tão bom quanto o peixe fresco, a *vadiação* e o dinheiro que vem dali é a

sensação da *puxada da feira* da tarrafa, gerada pelo peso e o movimento das tainhas dentro da rede. Botos, pescadores, pedras, ventos, marés e tarrafas. Será que ainda falta chegar mais alguém?

Bibliografia

DAURA-JORGE, Fábio G. 2011. *Quantos? Onde? Como? Múltiplos aspectos ecológicos de uma população do boto-da-tainha (Tursiops truncatus) em Laguna, sul do Brasil: implicações para conservação*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas – Zoologia. UFPR.

INGOLD, Tim. 2000. *The Perception of the Environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. London and New York: Routledge.

PRYOR, K., Lindbergh, J., Lindbergh, S., Milano, R., 1990. “A dolphin-human fishing cooperative in Brazil”, in: *Marine Mammalogy Science* 6, 325-332.

SAUTCHUK, Carlos E. 2007. *O arpão e o anzol: técnica e pessoa no estuário do Amazonas (Vila Sucuriju, Amapá)*. Tese de Doutorado, UnB.

SECKENDORFF, Roberto W. & AZEVEDO, Venâncio G. *Abordagem histórica da pesca da tainha *Mugil platanus* e do parati *Mugil curema* (perciformes: mugilidae) no litoral norte do estado de São Paulo*. Série Relatório Técnico. São Paulo, n.28, jun./2007.

SIMÕES-LOPES, P.C. 1991. “Interaction of coastal populations of *Tursiops truncatus* (Cetacea, Delphinidae) with the mullet artisanal fisheries in Southern Brazil”, in: *Biotemas* 4, 83-94.

SIMÕES-LOPES, P.C., Fábio, M.E., Menegheti, J.O., 1998. “Dolphin interactions with the mullet artisanal fishing on Southern Brazil: a qualitative and quantitative approach”. *Revista Brasileira de Zoologia* 15, 709-726.